

Sentidos em Gestalt-terapia: novas vozes, outros olhares

Lázaro Castro Silva Nascimento
Kamilly Souza do Vale
(Organizadores)



Atena
Editora

Ano 2020

Sentidos em Gestalt-terapia: novas vozes, outros olhares

Lázaro Castro Silva Nascimento
Kamilly Souza do Vale
(Organizadores)



Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecário

Maurício Amormino Júnior

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremona

Karine de Lima Wisniewski

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da Capa

Shutterstock

Edição de Arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os Autores

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena

Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena

Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

A Atena Editora não se responsabiliza por eventuais mudanças ocorridas nos endereços convencionais ou eletrônicos citados nesta obra.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves -Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá

Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Me. Adalto Moreira Braz – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Drª Cláudia Tais Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina

Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Dr. Fabiano Lemos Pereira – Prefeitura Municipal de Macaé
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Alborno – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Lúvia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará
Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal

Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba

Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco

Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão

Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo

Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana

Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí

Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo

Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Sentidos em Gestalt-terapia: novas vozes, outros olhares

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Bibliotecário Maurício Amormino Júnior
Diagramação: Natália Sandrini de Azevedo
Edição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: Carlos Alberto Souza do Nascimento Júnior
Organizadores: Lázaro Castro Silva Nascimento
Kamilyly Souza do Vale

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

S478 Sentidos em Gestalt-terapia [recurso eletrônico] : novas vozes, outros olhares / Organizadores Lázaro Castro Silva Nascimento, Kamilyly Souza do Vale. – Ponta Grossa, PR: Atena, 2020.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5706-355-2

DOI 10.22533/at.ed.552201609

1. Gestalt-terapia. I. Nascimento, Lázaro Castro Silva.
II. Vale, Kamilyly Souza do.

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

PREFÁCIO

Escrever o prefácio de uma obra não é uma tarefa fácil. A tarefa se torna ainda mais difícil quando se trata de um livro escrito por vários autores e autoras, composto de doze capítulos, que perpassam por temas pungentes e de extrema relevância na atualidade. Dado isso, me sinto realizando uma delicada tarefa e receosa de que não a cumpra de forma honrosa. Que me desculpem os autores e as autoras se meu prefácio não estiver à altura do valor que encontrei em cada um dos capítulos.

Como já nos indica o título “Sentidos em Gestalt-terapia: novas vozes, outros olhares”, o livro organizado por Lázaro Castro Silva Nascimento e Kamilly Souza do Vale tem a proposta de visibilizar autoras e autores que trazem contribuições inovadoras ao campo conceitual e técnico dessa abordagem, se debruçando sobre temas pouco tratados nos livros publicados em Gestalt-terapia no Brasil. A riqueza e a profundidade com que temas tão diversos são tratados me fascinou e me fez ficar absorta nas páginas do livro; creio que será exatamente a mesma experiência que os leitores viverão diante da obra em questão.

O primeiro capítulo escrito por Lázaro Castro traz reflexões provocativas sobre o que podemos ou não considerar Gestalt-terapia. No diálogo que Lázaro traça com seu leitor, o mesmo aponta a não homogeneidade conceitual que embasa a prática dos profissionais desta perspectiva psicoterápica. Então, Lázaro busca ao longo do capítulo elucidar o que considera os fundamentos conceituais e teóricos da Gestalt-terapia e trazê-los a nós em um texto claro, construído sobre sólidas referências teóricas.

O segundo capítulo é uma contribuição valiosa de Kamilly Vale ao campo da psicoterapia de casais em Gestalt-terapia. Kamilly desenvolve o texto a partir de sua própria experiência de trabalho com casais, tanto teórica quanto prática, nos trazendo um alerta quanto ao grau de violência que é encontrando usualmente no relacionamento íntimo e que se reflete em modelos comunicacionais pouco cuidadosos entre as partes do casal. Kamilly constata que a comunicação está muito além do que é meramente dito e o discurso entre casais permanentemente atravessado pelas influências culturais.

No terceiro capítulo encontramos um belíssimo texto tecido a seis mãos e que se debruça sobre o tema da felicidade dentro do ponto de vista da Gestalt-terapia. Os autores Patrícia Yano, Francisco Soares Neto e Mariana Andrade partem da constatação de que a busca pela felicidade, e pela compreensão do significado da mesma, é secular. No entanto, o tema não tem sido objeto de ampla reflexão nas obras de Gestalt-terapia, tarefa à qual se propõe os autores.

A autora Mariana Pajaro desenvolveu o quarto capítulo a partir das inquietações vividas na prática clínica com crianças. Mariana relata sua busca por maior aprofundamento teórico-técnico, permeada por um sensível testemunho de experiências vividas em sua

clínica nas quais descobriu a importância de entrar em contato com a criança que um dia ela foi.

O quinto capítulo versa sobre o tema do trauma e a autora nos conta sobre seu percurso profissional, no qual buscou técnicas específicas que têm como base os conhecimentos das neurociências. Simone Dreher defende o ponto de vista de que o trabalho com traumas em Gestalt-terapia pode ser enormemente enriquecido pela aproximação com os estudos contemporâneos das neurociências, apresentando alguns conhecimentos que adquiriu nesse intercâmbio que se propôs a fazer.

No sexto capítulo nos deparamos com mais um tema tocante: o processo de elaboração do luto decorrente do fim de uma união afetiva. Keila Santos, partindo da constatação de que o número de separações e divórcios é crescente na sociedade contemporânea, traz contribuições importantes sobre o tema, obtidas por meio de uma cuidadosa pesquisa bibliográfica, sob o prisma da Gestalt-terapia.

Ao chegarmos ao sétimo capítulo, escrito por Hayanne Alves e Wanderlea Ferreira, novamente somos colocados frente a frente com um tema impactante no que diz respeito às possibilidades e dificuldades da prática do gestalt-terapeuta no sistema prisional brasileiro. A ação profissional em um contexto tão adverso é apontada, pelas autoras, como de extrema relevância e a visão de ser humano da Gestalt-terapia pode servir como suporte para uma prática em que os aspectos criativos são valorizados.

Livia Arrelias, no oitavo capítulo, denuncia a quase inexistência de discussões sobre as existências pretas e indígenas em Psicologia, de maneira ampla, e em particular na Gestalt-terapia. A autora reflete sobre o quanto o modo elitista do desenvolvimento da Psicologia no Brasil se refletiu em práticas psicológicas discriminatórias e socialmente excludentes.

No capítulo nove encontramos o relato de uma pesquisa desenvolvida a partir de perfis de usuários do aplicativo Grindr, um aplicativo de encontros para homens. Paulo Barros identificou um perfil de homem ideal preconceituoso na população estudada, verificando concepções homofóbicas e misóginas, mesmo entre homens que se relacionam com homens. A partir daí, reflete sobre os conceitos de introjeção e fronteira de contato na Gestalt-terapia.

O décimo capítulo foi redigido por Gabriely Garcia, Tainá Tomaselli e Ana Carolina Galo. As autoras escrevem sobre a importância da música em nossas vidas e, em especial, na utilização desta como recurso terapêutico por musicoterapeutas ao longo da história. Partindo da integração teórica entre a profissão da Musicoterapia e a Gestalt-terapia, constroem uma proposta de Gestalt-Musicoterapia ou Musicoterapia Gestáltica.

O processo de luto durante a pandemia de Covid-19 de Heloá Maués e Michele Moura é o tema do penúltimo capítulo do livro. As autoras consideram a delicadeza da situação em que vivemos na qual o direito de vivenciarmos o luto e os rituais de despedida dos entes que amamos nos tem sido tirado não só pelas dificuldades próprias à pandemia,

mas também por uma ausência de políticas governamentais apropriadas ao enfrentamento desta.

Chegamos então ao capítulo de encerramento no qual, mais uma vez, somos confrontados com um tema de grande relevância que é pensar sobre a experiência da vergonha calcada nos conceitos da Gestalt-terapia. Larissa Carvalho buscou compreender o processo vivenciado por uma pessoa envergonhada e as implicações da moralidade social.

Daqui em diante, fica por conta do leitor o cuidado na leitura e a abertura para a reflexão que o livro poderá proporcionar. Espero que todos possam usufruir de tão rico material organizado no livro, tanto quanto eu o fiz.

Patricia Valle de Albuquerque Lima

*Gestalt-terapeuta e Psicóloga. Doutora em Psicologia pela
Universidade Federal do Rio de Janeiro. Docente do curso de Psicologia da
Universidade Federal Fluminense (UFF).*

APRESENTAÇÃO

Os escritos presentes na obra *Sentidos em Gestalt-terapia: novas vozes, outros olhares* são antes de tudo um manifesto afetivo. Convidamos Gestalt-terapeutas espalhadas/dos pelo Brasil para compor um material que fosse ao mesmo tempo rico em produção de sentidos, mas também que transbordasse afetividade e construção teórico-prática na Gestalt-terapia.

Os trabalhos apresentados aqui versam sobre temáticas contemporâneas e diversas provocando leitoras e leitores ao *sentir* enquanto se debruçarem sobre cada um dos capítulos. Nosso objetivo maior foi ouvir novas vozes, possibilitar um espaço e dar visibilidade para autoras e autores que realizam pesquisas e trabalhos importantes na área, compartilhando-os e os tornando acessíveis à comunidade de um modo geral.

Esperamos que esse passo inicial seja de fato a concretização de um desejo comum: integrar espaços dentro da Gestalt-terapia, dirimir nichos que detêm lugares previamente demarcados e disponibilizar um material de qualidade com temáticas que toquem aqueles que diariamente compõem e constroem o fazer gestalt-terapêutico.

Uma excelente leitura para todas e todos!

Lázaro Castro Silva Nascimento

Kamilly Souza do Vale

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
GESTALT-TERAPIAS E GESTALT-TERAPEUTAS: REFLEXÕES LINGUÍSTICAS E PLURALIDADE DE PRÁXIS	
Lázaro Castro Silva Nascimento	
DOI 10.22533/at.ed.5522016091	
CAPÍTULO 2	15
A COMUNICAÇÃO DIALÓGICA NO MANEJO COM CASAIS EM GESTALT-TERAPIA	
Kamilly Souza do Vale	
DOI 10.22533/at.ed.5522016092	
CAPÍTULO 3	31
OS ESTUDOS SOBRE A FELICIDADE E A GESTALT-TERAPIA	
Luciane Patrícia Yano	
Francisco Alves Soares Neto	
Mariana da Silva de Andrade	
DOI 10.22533/at.ed.5522016093	
CAPÍTULO 4	47
ESTAR-COM CRIANÇAS: EM BUSCA DA LINGUAGEM PERDIDA	
Mariana Pajaro	
DOI 10.22533/at.ed.5522016094	
CAPÍTULO 5	57
TRAUMA, NEUROCIÊNCIAS E GESTALT-TERAPIA: INTEGRANDO PRÁTICAS E ABORDAGENS CONTEMPORÂNEAS	
Simone Aparecida de Souza Dreher	
DOI 10.22533/at.ed.5522016095	
CAPÍTULO 6	67
DESATANDO OS “NÓS” E RECONFIGURANDO O “EU”: O LUTO DECORRENTE DO FIM DA CONJUGALIDADE NA GESTALT-TERAPIA	
Keila Andréa Araújo Costa dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.5522016096	
CAPÍTULO 7	78
INTERLOCUÇÕES DA ABORDAGEM GESTÁLTICA NO SISTEMA PRISIONAL BRASILEIRO	
Hayanne Galvão Pereira Alves	
Wanderlea Nazaré Bandeira Ferreira	
DOI 10.22533/at.ed.5522016097	
CAPÍTULO 8	93
REFLEXÕES DA CLÍNICA GESTÁLTICA SOBRE RELAÇÕES RACIAIS	
Lívia Arrelias	
DOI 10.22533/at.ed.5522016098	

CAPÍTULO 9	110
“QUERO MACHO COM JEITO DE MACHO”: FRONTEIRAS DE CONTATO ENTRE USUÁRIOS DO GRINDR	
Paulo Henrique Pinheiro de Barros	
DOI 10.22533/at.ed.5522016099	
CAPÍTULO 10	126
GESTALT-MUSICOTERAPIA: UMA REVISÃO INTEGRATIVA E ALINHAVOS TEÓRICO-PRÁTICOS	
Gabriely Leme Garcia	
Tainá Jackeline Tomaselli	
Ana Carolina Tiemi Galo	
DOI 10.22533/at.ed.55220160910	
CAPÍTULO 11	137
O PROCESSO DE LUTO DURANTE A PANDEMIA DA COVID-19: LEITURAS GESTÁLTICAS	
Heloá Pontes Maués	
Michele dos Santos Moura	
DOI 10.22533/at.ed.55220160911	
CAPÍTULO 12	152
A PERCEPÇÃO DA VERGONHA SOB O VIÉS DA CLÍNICA GESTÁLTICA	
Larissa da Silva Carvalho	
DOI 10.22533/at.ed.55220160912	
SOBRE OS ORGANIZADORES	166

CAPÍTULO 10

GESTALT-MUSICOTERAPIA: UMA REVISÃO INTEGRATIVA E ALINHAVOS TEÓRICO-PRÁTICOS

Gabriely Leme Garcia¹
Tainá Jackeline Tomaselli²
Ana Carolina Tiemi Galo³

Viver, e não ter a vergonha
De ser feliz
Cantar e cantar e cantar
A beleza de ser
Um eterno aprendiz
Ah meu Deus!
Eu sei, eu sei
Que a vida devia ser
Bem melhor e será
Mas isso não impede
Que eu repita
É bonita, é bonita
E é bonita

Gonzaguinha, 1982

Você já parou para pensar o quanto a música e os sons têm espaço na sua vida e na sua história? E em como ela está presente no nosso dia a dia? Enquanto escrevemos este texto, tomamos consciência de tudo o que nos chega como estímulos auditivos. Percebemos os sons do teclado enquanto digitamos as palavras e também da programação que passa na televisão, construindo um fundo para a nossa escrita.

Aproveite este momento para fazer um experimento: feche os olhos, respire profundamente e perceba, por poucos segundos que sejam, quais sons chegam até você. Percebeu? Havia ruídos? Havia música ao fundo? O som da sua respiração? Alguma televisão ligada? Isto é apenas um exemplo muito sucinto de como os sons e a música ocupam espaços ao longo do nosso desenvolvimento, desde o útero até o findar de nossa vida.

1. Musicoterapeuta (CPMT 347/20-PR) graduada pela Universidade Estadual do Paraná. Gestalt-terapeuta pelo Instituto de Gestalt de Curitiba.

2. Musicoterapeuta (CPMT 349/20-PR) graduada pela Universidade Estadual do Paraná. Gestalt-terapeuta pelo Instituto de Gestalt de Curitiba

3. Musicoterapeuta (APEMESP 1-200176) graduada pela Universidade Estadual do Paraná. Gestalt-terapeuta em formação pelo Instituto de Gestalt de Curitiba. Arteterapeuta em formação pelo Núcleo de Arte e Educação NAPE

A utilização da música como recurso terapêutico na idade moderna tem seu surgimento durante a Segunda Guerra Mundial, quando profissionais da saúde e pesquisadores começaram a observar seus benefícios para auxiliar a diminuição da dor e a recuperação dos soldados feridos pós-guerra. Ao longo dos anos, essa prática, conhecida atualmente como Musicoterapia, foi sistematizada, tendo o desenvolvimento de pesquisas científicas e a elaboração de sua teoria e metodologias de trabalho (BARCELLOS, 2016).

A Gestalt-terapia data seu surgimento em momento semelhante. Prestrelo (2012) conta um pouco dessa história ao afirmar que, em 1935, Fritz e Laura Perls, psicanalistas à época, refugiados da perseguição aos judeus na Alemanha, instalaram-se na África do Sul, semeando as primeiras ideias sobre o que viria a ser a Gestalt. Em 1936, Fritz Perls apresentou um trabalho destacando a importância do que denominou de “resistências orais” como fonte de entendimento do processo de formação das neuroses, no Congresso Internacional de Psicanálise, na Tchecoslováquia, contudo, sem repercussões positivas sobre suas posições entre os psicanalistas.

Logo depois, em 1946, mudou-se para Nova York, entrando em contato com grupos de artistas, filósofos, intelectuais e terapeutas e começando a estruturar mais sistematicamente o que viria a se constituir nas bases teóricas e consequente aplicação de uma nova abordagem terapêutica: a Gestalt-terapia (PRESTRELO, 2012).

Essa abordagem ganha força e passa a ser reconhecida após a publicação do livro *Gestalt Therapy: excitement and growth in the human personality*, lançado nos EUA no ano de 1951, com autoria explícita de Perls, Paul Goodman e colaboradores, além de Laura Perls.

Algumas aproximações entre estes dois campos do saber – Musicoterapia e Gestalt-terapia – têm sido feitas nos últimos anos. Para ampliar essa discussão, é necessário ainda ter conhecimento da definição de Musicoterapia. A União Brasileira das Associações de Musicoterapia (2018, sem paginação) define:

Musicoterapia é um campo de conhecimento que estuda os efeitos da música e da utilização de experiências musicais, resultantes do encontro entre o/a musicoterapeuta e as pessoas assistidas [...]. O musicoterapeuta é o profissional de nível superior ou especialização, com formação reconhecida pelo MEC e com registro em seu órgão de representação de categoria. Ele/a é habilitado/a a exercer a profissão no Brasil. Ele/a facilita um processo musicoterápico a partir de avaliações específicas, com base na musicalidade e na necessidade de cada pessoa e/ou grupo.

A Gestalt-Musicoterapia, ou Musicoterapia Gestáltica, como também é conhecida, surge então como uma abordagem teórica e prática nesta interface. Segundo o Institut für Gestalttherapie und Gestaltpädagogik, na Alemanha, onde há uma formação específica na área,

Gestalt-Musicoterapia é uma conexão criativa entre Gestalt-terapia e

Musicoterapia, como foi desenvolvida em nosso instituto. Permite improvisação e experimentação musical com voz e instrumentos simples. Enriquece a prática da Gestalt-terapia e provou ser extraordinariamente frutífera. A Gestalt-Musicoterapia pode ser usada com sucesso no trabalho com indivíduos, casais, grupos e famílias, com crianças, adolescentes e adultos em educação pedagógica, especial e curativa, bem como em psicoterapia e na área psiquiátrica (2019, p. 3, tradução livre).

Falar de Gestalt-terapia como musicoterapeutas ainda é algo desafiador, pois, como investigou Nascimento (2019), grande parte dos cursos de formação em Gestalt-terapia no Brasil ainda são restritos a psicólogos/os e/ou psiquiatras. Desse modo, discutir uma abordagem humanista tradicionalmente vinculada à Psicologia, ancorando-a em uma ciência ainda em construção, como a Musicoterapia, parece um desafio.

Muitas abordagens, teorias e técnicas na Musicoterapia têm contribuições de outras áreas de conhecimento. A Psicologia da Gestalt, por exemplo, está presente no desenvolvimento de teorias, metodologias de trabalho, técnicas e abordagens de teóricos importantes da área, como a Musicoterapia no Modelo Benenzon.

Um dos princípios fundamentais da Musicoterapia é a Identidade Sonora (ISO), discutida por Benezon (1988) em seu livro *Teoria da Musicoterapia*. ISO consiste em um conceito dinâmico, que engloba a existência de sons, fenômenos acústicos e de movimentos internos, que caracterizam a individualidade de cada pessoa. Rolando Benenzon apresenta o ISO Gestáltico, considerando a relação ente o todo e suas partes. O ISO, para o autor, é composto por ISOS: ISO Cultural, ISO Grupal, ISO Universal, ISO Complementario, que fazem parte do ISO Gestáltico que é compreendido como um todo – o ISO –, e não como a somatória de ISOS.

Kenneth Bruscia (2016) também apresenta a Psicologia da Gestalt, quanto à relação entre o todo e as partes ao discutir que, em cada uma das experiências musicais (audição, recriação, improvisação e composição), todos os elementos são inseparáveis e indissociáveis; por exemplo, “a melodia afeta e é afetada pela harmonia” (BRUSCIA, 2016, p. 149).

Barcellos (2016), em seu livro *Quaternos de Musicoterapia*, apresenta a Psicologia da Gestalt como fundamento para o desenvolvimento da técnica da “provocativa musical”, e tem como princípio a Lei da Pregnância. A técnica consiste na...

Interrupção de uma sequência de sons, de um ritmo, de uma melodia ou de um encadeamento harmônico já conhecidos pelo paciente, com o objetivo precípuo de provocá-lo e levá-lo a completar o que se apresenta como incompleto (BARCELLOS, 2016, p. 308).

Torres (2009) descreve, em seu livro *Musicoterapia Gestáltica: proceso sonórico*, algumas das conexões existentes entre a Musicoterapia e a Gestalt-terapia, a exemplo da importância da consciência corporal, da consciência rítmica e da respiração durante o processo Musicoterapêutico. A Gestalt-Musicoterapia, portanto, utiliza-se da *awareness*, a

qual, segundo Yontef (1993, p. 213),

É uma forma de experienciar. É o processo de estar em contato vigilante com o evento de maior importância no campo indivíduo/meio, com total suporte sensoriomotor, emocional, cognitivo e enérgico.

Nascimento (2019) contribui para o campo da Gestalt-Musicoterapia com sua pesquisa de doutorado “Gestalt-terapeutas do Brasil: formação e identidade”. O autor apresenta uma seção sobre Gestalt-Musicoterapia, na qual discorre sobre as contribuições que a Musicoterapia recebeu para o seu desenvolvimento, lembrando que, “assim como na Psicologia, a Musicoterapia se apropriou de diversas abordagens para organizar a compreensão e o fazer dos processos Musicoterapêuticos” (NASCIMENTO, 2019, p. 28).

Historicamente, vale mencionar que Laura Perls tinha vivência com a música desde a infância, tendo estudado música e tocado piano até seus últimos dias. Em uma entrevista a Bernard, Laura Perls fala de sua história com a música e sobre conhecer a Musicoterapia, mesmo que não trabalhasse com ela:

J.B.: Quanto tempo você tem dedicado à música?

L.P.: Eu toco praticamente todos os dias. Hoje em dia eu toco mais ou menos uma hora, mas eu costumava tocar muito mais.

J.B.: Você chegou a tentar integrar a sua música com a terapia?

L.P.: Eu nunca fiz Musicoterapia, mas, eu trabalhei com musicistas. Eu até cheguei a trabalhar com musicistas nos seus instrumentos, entre outras coisas (PERLS, 1986, p. 372, tradução livre).

Ainda é comum no dia a dia da nossa prática clínica que, ao nos apresentarmos como Gestalt-terapeutas, algumas pessoas nos questionem acerca da nossa formação como musicoterapeutas, como se a Gestalt-terapia estivesse restrita à prática de psicólogas e psicólogos. Quando Perls pensou a Gestalt-terapia, não queria que a prática fosse “fechada”, rígida, mas, que cada terapeuta descobrisse novas formas de atuar, que fossem criativos. Zinker (2007) apresenta essa questão quando escreve que...

Se Fritz Perls estivesse vivo hoje, ficaria decepcionado ao ver uma multidão de terapeutas imitando seu trabalho como se este fosse a última palavra em psicoterapia. O que faltou a muitos de nós foi coragem para aprender com ele como acionar a inventividade, como criar situações de intenso aprendizado a partir de cada situação humana (ZINKER, 2007, p. 32).

A Gestalt-Musicoterapia é uma evidência dessa atualização e criatividade, para ampliar fronteiras. Este trabalho propõe sistematizar de forma integrativa as pesquisas de Gestalt-terapia nos idiomas português, inglês, espanhol e alemão, isto é, da Gestalt-

Musicoterapia.

MÉTODO

A pesquisa aqui relatada se trata de um estudo de revisão integrativa (ERCOLE; MELO; ALCOFORADO, 2014, p. 1), em que foram analisados artigos; além de propor algumas construções teóricas. Foram utilizadas bases de dados de conhecimentos gerais, bases de dados próprias da Musicoterapia, da Gestalt-terapia e da Psicologia. Ao final, são propostos alguns alinhavos teórico-práticos acerca da Gestalt-Musicoterapia.

A identificação dos artigos incluídos nesta revisão foi feita por meio da busca em oito fontes de informação: Google Acadêmico; SciELO; Revista Brasileira de Musicoterapia; Revista Incantare; MEDLINE; Voices; PePSIC; e Journal of Music Therapy. A busca dos artigos foi limitada ao período de janeiro de 2000 a maio de 2020, e foram considerados artigos publicados nos idiomas português, inglês, espanhol e alemão. Para fazer as buscas, utilizamos descritores em língua inglesa e portuguesa: “Gestalt-Musicoterapia”, “Gestalt-terapia” e “Musicoterapia”, combinados entre si durante as pesquisas nas fontes por meio do operador booleano “AND”.

Uma análise inicial foi realizada com base nos títulos dos resultados. Em seguida, outra avaliação foi realizada nos resumos e palavras-chave de todos os artigos que preenchiam os critérios de inclusão; quais foram: (1) artigos publicados em periódicos, teses de mestrado e doutorado, trabalhos de conclusão de curso, trabalhos apresentados em eventos (anais); (2) resultados que continham ao menos um dos descritores, no título, resumo ou nas palavra-chave; (3) estudos publicados entre janeiro de 2000 e maio de 2020; (4) estudos qualitativos e quantitativos; (5) textos completos disponíveis para consulta.

Para a presente revisão, os seguintes dados foram extraídos dos resultados: Autor; Objetivo; Metodologia; e Resultados.

RESULTADOS/DISCUSSÃO

A amostra deste trabalho foi composta por 08 estudos que trazem a temática desta pesquisa, dentre os quais 05 artigos são na língua portuguesa; 01 na língua inglesa; 01 na língua espanhola; e 01 na língua alemã, entre os anos de janeiro de 2000 a maio de 2020.

Ainda há poucas publicações no Brasil em relação à Gestalt-Musicoterapia; a grande maioria dos artigos encontrados faz apenas referências, não se aprofundando muito no assunto. Assim, notamos a importância de desenvolver o campo teórico e prático da Gestalt-Musicoterapia.

Um dos artigos traz especificamente o tema desta pesquisa, Gestalt-Musicoterapia. O trabalho intitulado “Gestalt-Musicoterapia no Brasil: explorando o campo” (NASCIMENTO, 2020) consiste na exploração deste campo no Brasil. O objetivo da pesquisa foi investigar as

relações existentes entre a Musicoterapia e a Gestalt-terapia, com o intuito de contribuir para o desenvolvimento da Gestalt-Musicoterapia. O autor pontua a necessidade de abertura e reconhecimento dos cursos de formação em Gestalt-terapia para outros profissionais, além de psicólogas/os e psiquiatras, mas, também, para profissionais como musicoterapeutas, arteterapeutas, entre outros. Para Nascimento (2020), a Gestalt-Musicoterapia ainda é uma área pouco explorada, tanto na Musicoterapia, quanto na Gestalt-terapia.

Peixoto (2019) publicou o artigo “Biomusicalidade, experiência e awareness coletiva: Gestalt-terapia e Musicoterapia no cuidado de pais e bebês” na Revista Estudos e Pesquisas em Psicologia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). O trabalho traz uma discussão acerca de uma clínica apoiada em uma aliança entre a Musicoterapia, a Gestalt-terapia e as Filosofias da Imanência, tomando como base a produção do cuidado entre pais e bebês. É um dos poucos artigos encontrados no Brasil que discutem uma abordagem clínica em que Musicoterapia e Gestalt-terapia caminham juntas para a formação teórica.

O trabalho encontrado em espanhol, escrito por Farías Chávez (2013), se intitula “Intervención musicoterapéutica en el ámbito educacional: conectándose con la diversidad”; traz a experiência clínica com uma criança de sete anos, com diagnóstico clínico e psicológico de “estado multi-deficitário”, por meio da abordagem de Musicoterapia plurimodal juntamente com a Gestalt infantil de Amescua. O autor relata que, a partir do brincar, é possível ressignificar a ação da criança e do terapeuta, podendo-se compreender a brincadeira, os símbolos e significados que dela emergem como expressão do ser da criança, sendo a base para um diagnóstico mais preciso de sua condição real e se tornando a essência da comunicação da terapia infantil.

A terapia Gestalt infantil de Amescua e o modelo APM foram conjugados operativamente de uma maneira que favoreceu positivamente o objetivo do tratamento musicoterápico, para que o paciente pudesse avançar em sua melhor estima como pessoa de si mesma e em relação a si mesma (FARÍAS CHÁVEZ, 2013, p. 93, tradução livre).

O texto publicado em inglês se intitula “Songwriting with adolescents in a Secondary School” (ROCA, 2011). Conta a experiência clínica com um grupo de adolescentes, com o trabalho de composição de canções em uma escola, em que se utilizou de ferramentas tanto da Musicoterapia quanto da Gestalt-terapia. Nas intervenções musicoterapêuticas, Roca (2011) usou a abordagem gestáltica como uma maneira de ser e de delimitar a atitude em relação a eles, focando a atenção nela mesmo e no que aparecia em cada atendimento. Assim, com base nas figuras que emergiram durante o processo grupal, as composições se mostraram um caminho para a expressão emocional e construção da identidade de cada adolescente.

No artigo “Considerações sobre a linguagem na prática clínica musicoterapêutica numa abordagem gestáltica”, de Sampaio (2007), o autor se fundamenta em algumas abordagens gestálticas como complemento para a atuação/ação do musicoterapeuta no

fazer musical, juntamente com o cliente, trazendo a importância de o auxiliar a reexperienciar seus traumas e problemas (situações inacabadas), no aqui e agora. O autor ainda traz que a terapia retoma os processos linguísticos do cliente que estavam adormecidos, propondo que este se encontre, achando o sentido daquilo que ele leva na sessão e como ele pode se recolocar no mundo após compreender aquela situação.

[...] os códigos musicais (tonais, atonais, seriais, pós-seriais, etc.) devem ser utilizados e conduzidos pelo musicoterapeuta no fazer musical com seu cliente de modo a propiciar uma interação verdadeira e íntegra, um encontro e um diálogo na música para que o cliente possa viver uma experiência efetivamente transformadora que lhe possibilita resgatar o fluxo de atualização de seu Eu (SAMPAIO, 2007 p. 5).

No artigo de Costa (2007), “A musicoterapia no desenvolvimento das relações interpessoais em uma empresa”, relata-se que, durante as primeiras intervenções musicoterapêuticas, emergiram algumas figuras de “máscaras”; de forma que a autora se fundamentou em abordagens gestálticas para poder se aprofundar e fortalecer as relações dos membros do grupo. Sobre esse aspecto, ela relata que “[...] Essa necessidade emergiu devido ao medo de não serem aceitos uns pelos outros, tendo assim que omitirem verdadeiramente o que são, com o intuito de quererem agradar de qualquer forma uns aos outros para não serem rejeitados” (COSTA, 2007, sem paginação). Por meio do trabalho com as “máscaras” juntamente com as expressões musicais, o grupo se deu uma nova oportunidade, passando a se permitir conhecer e deixar-se conhecer e percebendo que, por meio da relação com o outro, era possível se descobrir, crescer, mudar, desenvolver-se como pessoa e também como profissional, de maneira que se sentissem valorizados e aceitos dentro daquele grupo.

O artigo encontrado em alemão foi escrito pelo Gestalt-musicoterapeuta Heino Pless-Adamczyk (2001), sob o título “Wodurch unterscheidet sich Musiktherapie mit Kindern von Musiktherapie mit Erwachsenen?”. Ele discute sobre a extensão do campo de atuação da Musicoterapia e também sobre as diferenças entre o trabalho musicoterapêutico com crianças e com adultos. Pless-Adamczyk (2001) traz um tópico sobre a abordagem Gestalt-musicoterapêutica, em que o processo se concentra no conceito de contato interpessoal, promovendo uma aprendizagem criativa através dos experimentos.

Os artigos encontrados trazem relações entre a teoria da Musicoterapia e da Gestalt-terapia e as contribuições de conceitos e princípios no processo musicoterapêutico, não necessariamente se apropriando de uma nova abordagem, a Gestalt-Musicoterapia.

ALGUNS ALINHAVOS TEÓRICO-PRÁTICOS DA GESTALT-MUSICOTERAPIA

O desenvolvimento da abordagem da Gestalt-Musicoterapia, isto é, a construção de conceitos próprios, possibilitaria a ampliação do campo teórico e prático da Musicoterapia. A partir disso, seria possível pensar conceitos como, por exemplo, mecanismos de evitação

de contato e de que forma são perceptíveis em um processo musicoterapêutico.

Quando começamos nossa atuação como musicoterapeutas, nos apropriando da Gestalt-terapia (formação na qual havíamos também iniciado), tivemos um processo de *awareness*, ao nos darmos conta de que a produção sonoro-musical (nosso principal instrumento de atuação) em um processo musicoterapêutico, cantar e tocar, sozinho ou em conjunto, já é um experimento. Erving e Miriam Polster definem experimento como “uma tentativa de agir contra o beco sem saída do falar sobre, ao trazer o sistema de ação do indivíduo para dentro do consultório” (POLSTER; POLSTER, 2001, p. 238).

Ao pensarmos na Gestalt-Musicoterapia com crianças, é relevante destacar o seu desenvolvimento por meio do estímulo sonoro-musical. Aguiar (2005) indica que a criança é percebida como uma totalidade, valorizando a relação existente entre mente, corpo e espírito; estes deixam de ser vistos como partes isoladas. Barbosa (2011, p. 6) afirma que “[...] não podemos compreender uma parte que se destaca (figura) em um determinado momento se não a integramos em seu contexto de relações (fundo)”. A autora ainda traz que não deve se focar no sintoma, pois a criança irá trazer aquilo que é figura para ela. Assim, por meio de canções familiares e atividades Gestalt-Musicoterapêuticas de recriação e improvisação musical, é possível auxiliar a criança na ressignificação de seus sentimentos, vivências, pensamentos e no encontro de outras formas criativas musicais de ser-e-estar-no-mundo, satisfazendo suas necessidades.

Pless-Adamczyk (2001) descreve em seu trabalho como os mecanismos de evitação de contato podem ser representados musicalmente em um trabalho musicoterapêutico. Ele traz o exemplo da polaridade introjeção, em que um experimento pode solicitar ao paciente que toque algum instrumento musical como sua mãe ou seu pai gostariam que fosse tocado.

O trabalho Gestalt-Musicoterapêutico com idosos também pode ser extremamente rico, ao focarmos, dentre muitos aspectos, na memória, a partir do estímulo sonoro-musical. É comum surgir em pessoas com idade avançada demências senis, doenças neurodegenerativas, como Alzheimer, que afeta funções dentre as quais está a memória. A partir de uma intervenção Gestalt-musicoterapêutica, com canções da identidade sonoro-musical do idoso, é possível resgatar memórias da sua infância, adolescência e vida adulta, sendo possível trabalhar com questões inacabadas do passado no aqui e agora. Isso devido ao fato de que muitas dessas canções ou sons estão associados com momentos de intensas sensações e sentimentos, e, ao trabalharmos com essas canções, memórias são acionadas, bem como seus respectivos sentimentos e sensações.

Ao sistematizarmos esse conhecimento na abordagem da Gestalt-Musicoterapia, evitamos que novos profissionais passem pelo mesmo processo, fazendo as mesmas descobertas, mas, oportunizando novos processos de *awareness*, podendo dessa forma contribuir com o desenvolvimento da teoria, considerando que todo o conhecimento parte da experiência da prática clínica/profissional.

Nascimento (2020) discute acerca da marginalização da Gestalt-Musicoterapia, tanto no ambiente da Musicoterapia quanto da Gestalt-terapia. Assim, existe um posicionamento favorável à abertura das formações em Gestalt-terapia para outros profissionais, além de psicólogos/os e psiquiatras, o que geraria um desenvolvimento teórico-prático e traria maior visibilidade para ambos os campos de conhecimento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Há uma necessidade de aprofundar a pesquisa envolvendo a Gestalt-terapia e a Musicoterapia, contribuindo para o desenvolvimento do campo teórico e prático da Gestalt-Musicoterapia. Embora exista uma gama interessante de artigos que citam a Gestalt-terapia no campo epistemológico da Musicoterapia, muitos não se aprofundam na clínica e em aspectos práticos da disciplina. Apesar de não ter sido utilizado como critério nesta pesquisa, vale destacar que os trabalhos encontrados foram produzidos por musicoterapeutas e Gestalt-musicoterapeutas.

Portanto, vê-se a necessidade da inserção de novos musicoterapeutas na Gestalt-terapia; isto porque ainda não temos uma formação destinada especificamente a formar Gestalt-musicoterapeutas no Brasil. Assim, os profissionais que desejam mergulhar nessa área e aprofundar sua visão de processo precisam entrar em cursos de formação em Gestalt-terapia. Esse contingente de musicoterapeutas abriria o campo, visto que a maioria dessas formações são restritas a psicólogos/os e psiquiatras, e possibilitaria também a ampliação dos espaços de trabalho e visibilidade como musicoterapeutas e Gestalt-musicoterapeutas.

Algumas questões que podem ser investigadas no desenvolvimento da Gestalt-Musicoterapia no Brasil, sistematizando as novas descobertas, seriam, por exemplo, como ocorrem os mecanismos de evitação de contato nos processos musicoterapêuticos, interrupções de contato no fazer sonoro-musical, fantasias a partir do estímulo sonoro-musical e quais possíveis intervenções podem caracterizar a abordagem.

Como cantava Gonzaguinha, “viver e não ter a vergonha de ser feliz, cantar e cantar e cantar a beleza de ser um eterno aprendiz”, nós, Gestalt-musicoterapeutas, seguimos nossas jornadas como eternos aprendizes, aprofundando nossos conhecimentos e contribuindo para a área da Musicoterapia, da Gestalt-terapia e, especificamente, da Gestalt-Musicoterapia.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, L. **Gestalt-terapia com crianças: teoria e práticas**. Rio de Janeiro: Livro Pleno, 2005.

BARBOSA, P. G. A criança sob o olhar da Gestalt-Terapia. **IGT na Rede**, v. 8, n. 14, 2011.

BARCELLOS, L. R. M. **Quaternos de Musicoterapia e Coda**. Dallas, Texas: Barcelona Publishers, 2016.

BENZON, R. **Teoria da Musicoterapia**. Trad.: Ana Sheila M. de Uriceochea. São Paulo: Summus, 1988.

BRUSCIA, K. E. **Definindo Musicoterapia**. 3. ed. Trad.: Marcus Leopoldino. Dallas, Texas: Barcelona Publishers, 2016.

COSTA, C. O. A Musicoterapia no desenvolvimento das relações interpessoais em uma empresa. **Recreate**: Revista Internacional de Criatividade Aplicada Total, v. 7, 2007.

ERCOLE, F. F.; MELO, L. S.; ALCOFORADO, C. L. G. C. Revisão integrativa versus revisão sistemática. **Revista Mineira de Enfermagem**, Minas Gerais, v. 18, n. 1, 2014. Disponível em: <http://www.reme.org.br/artigo/detalhes/904>. Acesso em: 16 jun. 2020.

FARIAS CHÁVEZ, A. I. **Intervención musicoterapeutica en el ámbito educacional**: conectándose con la diversidad. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização) – Universidade de Chile, Santiago, 2013.

INSTITUT FÜR GESTALT THERAPIE UND GESTALT PÄDAGOGIK.

Gestalt-Musiktherapie. 2019. Disponível em: <http://www.iggberlin.de/files/igg/pdf/IGG%20Programme/IGG%20MU9%20Programm.pdf>. Acesso em: 16 jun. 2020.

NASCIMENTO, L. C. S. Gestalt-musicoterapia no Brasil: explorando o campo. **Revista da Abordagem Gestáltica**, Goiânia, v. 26, n. 1, p. 53-62, jan./abr. 2020. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.18065/RAG.2020v26n1.5>. Acesso em: 15 jun. 2020.

NASCIMENTO, L. C. S. **Gestalt-terapeutas do Brasil**: formação e identidade. 2019. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica e Cultura) – Universidade de Brasília, Brasília, DF, 2019. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/37241>. Acesso em: 15 jun. 2020.

PEIXOTO, P.-T. C. Biomusicalidade, experiência e awareness coletiva: gestalt-terapia e musicoterapia no cuidado de pais e bebês. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, v. 19, n. 4. 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.12957/epp.2019.49304>. Acesso em: 16 jun. 2020.

PERLS, L. From ground to figure. [Entrevista cedida a] Janine M. Bernard. **Journal of Counseling and Development**, v. 4, Feb. 1986. Disponível em: <https://doi.org/10.1002/j.1556-6676.1986.tb01136.x>. Acesso em: 15 jun. 2020.

PLESS-ADAMCZYK, H. **Wodurch unterscheidet sich Musiktherapie mit Kindern von Musiktherapie mit Erwachsenen?** 2001. Disponível em: https://secure.musiktherapie.de/fileadmin/user_upload/medien/pdf/einblicke/Pless-Adamczyk_11.pdf. Acesso em: 16 jun. 2020.

POLSTER, E.; POLSTER, M. **Gestalt-terapia integrada**. São Paulo: Summus, 2001.

PRESTRELO, E. T. A história da Gestalt-terapia no Brasil: “peles-vermelhas” ou “caras-pálidas”? In: JACÓ-VILELA, A. M.; CEREZZO, A. C.; RODRIGUES, H. B. C. (orgs.). **Clio-psyché**: fazeres e dizeres psi na história do Brasil [online]. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2012. p. 88-96. Disponível em: <https://static.scielo.org/scielobooks/hkyyb/pdf/jaco-9788579820618.pdf>. Acesso em: 16 jun. 2020.

ROCA, N. G. **Songwriting with adolescents in a Secondary School**. 2011. Thesis (Master in Music Therapy) – Aalborg University, Aalborg, 2011. Disponível em: https://projekter.aau.dk/projekter/files/53198543/master_Thesis_Nazaret_G_mez_june_2011.pdf. Acesso em: 16 jun. 2020.

SAMPAIO, R. T. Considerações sobre a linguagem na prática clínica musicoterapêutica numa abordagem gestáltica. *In*: CONGRESSO DA ANPPOM, 17., 2007, São Paulo. **[Anais...]**. São Paulo: UNESP, 2007. Disponível em: http://antigo.anppom.com.br/anais/anaiscongresso_anppom_2007/musicoterapia/musicoterap_RTSampaio.pdf. Acesso em: 16 jun. 2020.

TORRES, M. M. **Musicoterapia gestáltica**: proceso sonórico. Madrid: Mandala, 2009.

UNIÃO BRASILEIRA DAS ASSOCIAÇÕES DE MUSICOTERAPIA. O que é Musicoterapia. *In*: UNIÃO BRASILEIRA DAS ASSOCIAÇÕES DE MUSICOTERAPIA. **UBAM**. 2018. Disponível em: <https://ubammusicoterapia.com.br/institucional/o-que-e-musicoterapia/>. Acesso em: 16 jun. 2020.

YONTEF, G. M. **Processo, diálogo e awareness**: ensaio em Gestalt-terapia. 2. ed. São Paulo: Summus, 1993.

ZINKER, J. **Processo criativo em Gestalt-terapia**. Trad.: Maria Sílvia Mourão Netto. São Paulo: Summus, 2007.

Sentidos em Gestalt-terapia: novas vozes, outros olhares

-  www.atenaeditora.com.br
-  contato@atenaeditora.com.br
-  [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
-  www.facebook.com/atenaeditora.com.br



Sentidos em Gestalt-terapia: novas vozes, outros olhares

-  www.atenaeditora.com.br
-  contato@atenaeditora.com.br
-  [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
-  www.facebook.com/atenaeditora.com.br

